as rebeliões da miséria

gustavo rodríguez

título original:

las rebeliones de la miseria, 2020.

tradução de edições insurrectas, 2020.

este texto está disponível em
edicoesinsurrectas.noblogs.org

incitamos à pirataria,
odiamos a propriedade!

as rebeliões da miséria

Todos os sistemas de controle se baseiam
no binômio castigo-recompensa,
quando os castigos são desproporcionais às recompensas
e quando aos patrões já não sobram recompensas,
se produzem sublevações.[*]
Burroughs

Nesta segunda década do século, as revoltas urbanas são cada vez mais frequentes em toda a geografia global, com sutis variações em termos de duração e intensidade. Hong Kong, França, Argélia, Iraque, Haiti, Líbano, Catalunha, Equador, Bolívia, Sudão, Chile, Bielo-Rússia e, agora, os Estados Unidos da Amérikkka têm sido palco de protestos massivos amplamente divulgados na mídia de domesticação em massa. Como já salientei em outras ocasiões, essas manifestações têm motivações muito particulares; porém, é indiscutível que todas possuem um vínculo intangível que serve de denominador comum à maioria dessas mobilizações: o cansaço[**] e a raiva da desesperança.

Longe da retórica esquerdista que insiste, contra todas as evidências, que "enquanto houver miséria haverá rebelião", o real motivo das recentes rebeliões não foi a *miséria*, mas a conjunção de cansaço e desesperança. Esses dois fatores – que impulsionam o desejo pelo "mal conhecido" e anseiam por um retorno ao Estado de bem-estar, ao capitalismo industrial e à sociedade de trabalho – são as causas do mal-estar generalizado que levou à revolta global de nossos dias.

Está se tornando cada vez mais axiomático que *miséria* produz apenas *miséria*. Em outras palavras, servidão, mendicância e até perda de

---

* Odier, Daniel. El trabajo (The Job). Entrevistas con William Burroughs, Enclave de Libros Ediciones, Madrid, 2014.

** N.T.: no original em espanhol, *hartazgo*. Cabe ressaltar que não se trata de um cansaço no sentido de falta de energia, de esgotamento das forças, mas quanto a uma situação limite, que não se suporta mais.

toda dignidade. Tal como diz o provérbio: "A fome é um mau conselheiro." Ela é a mãe de todos aquelas figuras que penduram no pescoço uma placa que diz "Eu faço qualquer trabalho" (até mesmo para a SS, como nos lembra George Steiner). Por isso, em vez de criar rebeldes e refratários, a miséria gera doenças, desnutrição, mortalidade, medo, exploração sexual, corrupção, soldados, policiais, informantes e eleitores: miséria humana. Motivo pelo qual a miséria é exaltada desde a esquerda, sabendo que o futuro está armado entre os seus dentes, ou seja, os futuros votos são garantidos. Basta conceder alguns "prêmios" e dizer abracadabra: a carniça clientelista permanecerá garantida por um período relativamente longo de tempo, até que "não haja mais prêmios" (Burroughs dixit) e as insurreições reapareçam.

Isso já foi afirmado pelo célebre autor de "Os Miseráveis", que pavimentou sua brilhante carreira política lado a lado com a sua exitosa carreira literária. No Livro Sétimo de sua conhecida novela, intitulado "Argot", o poeta e novelista completa:

> Desde 1789, todo o povo se dilata no indivíduo sublimado; não há pobre que, tendo seu direito, não tenha seu brilho; o mais mísero e desvalido sente em si a honradez da França; a dignidade do cidadão é uma armadura interior; quem é livre é escrupuloso; quem vota, reina. Daí a incorruptibilidade; daí o abandono das paixões doentias; daí os olhos que baixam heroicamente diante das tentações.

Víctor Hugo, depois de mergulhar na profundidade da miséria, percebe seu maravilhoso potencial. Como assinada Walter Benjamin em "O país de Baudelaire",

> Foi o primeiro grande escritor que utilizou títulos coletivos em sua obra: Os miseráveis, Os trabalhadores do mar. A multidão significava para ele quase em um sentido antigo, a multidão dos clientes – isso, é, seus leitores – e de suas massas de eleitores.

Certamente, a miséria alimentou inúmeras revoltas na história, mas, infalivelmente, foram "pacificadas" com doses proporcionais de garrote (neutralização pelo medo), pão (neutralização por subsídio)* e circo (prê-

---

* Essa estratégia neutralizadora é muito comum na América Latina, geralmente orquestrada por uma rede clientelista, tecida por partidos políticos e um conjunto diversificado de organizações sociais que se estabeleceram como interlocutoras com o Estado, seja por meio da mobilização e/ou da negociação e acordo com a dominação.

mios de consolação e reformas políticas). É precisamente na aplicação proporcional destas partes que reside o surgimento do conceito de "proletário", em referência aos cidadãos sem-terra e sem trabalho que constituíam a mais miserável classe das cidades romanas (*proletarius*), cuja única utilidade – para o Estado – era sua capacidade de gerar descendentes/filhos.

Essas hordas de excluídos foram pacificadas com garrote, pão e circo e, usadas como "mão repressora" (legionários), engrossando as reservas dos exércitos do Império. Tal reflexão motivou São Karl de Trier – quatorze séculos depois – a utilizar o termo "proletário", colocando sua única definição em uma nota de rodapé apertada ao longo das copiosas páginas de "O Capital", onde delimita a priori todas as trapalhadas dos marxistas contemporâneos que tentam, arbitrariamente, subsumir no conceito *proletário* as mais inusitadas configurações de identidade (povos originários e afrodescendentes) tentando corrigir as limitações racistas e a estreiteza economicista da visão marxista.[i]

de palhaços e profetas

A propósito do "pauperismo" ou a miséria generalizada das classes trabalhadoras, lá por 1844-46, dizia Proudhon (em "Filosofia da Miséria", capítulo VI) citando Antoine Eugène Buret:

> A descrição da miséria das classes trabalhadoras [...] tem algo de fantástico que oprime o coração e assusta. São cenas em que a imaginação reluta em acreditar, apesar dos certificados e registros do governo. Maridos nus, escondidos no fundo de um quarto sem mobília, com os filhos também nus; populações inteiras que não vão à igreja aos domingos porque não têm nem trapos para se cobrir; cadáveres insepultos durante oito dias porque o falecido não tinha um sudário para envolvê-lo, nem dinheiro para pagar o caixão e o coveiro, enquanto o bispo goza de quatrocentos ou quinhentos mil francos de renda; famílias inteiras amontoadas em miseráveis pocilgas, vivendo junto com os porcos, e já em vida vencidas pela podridão, ou vivendo em buracos como albinos; octogenários que dormem nus em tábuas; a virgem e a prostituta morrendo no meio da mesma nudez e miséria; por toda a parte desespero, devastação, fome, fome! ... E esse povo, que expia os crimes dos seus senhores, não se revolta!

E sim, é evidente que o "povo" se revoltou inúmeras vezes. Os "motins do pão", causados pela privação dos alimentos básicos, têm sido a resposta dos filhos da fome desde o alvorecer da civilização, deixando um grande registo de motins efêmeros desde o século XIV ao século XX, com marcada frequência nos séculos XVII, XVIII e XIX.* Como bem lembra Bakunin:

> Desde que existem sociedades políticas, as massas sempre estiveram insatisfeitas e sempre foram miseráveis, porque todas as sociedades políticas, todos os Estados, tanto republicanos quanto monárquicos, desde o início da história até os dias atuais, foram exclusivamente e sempre fundados, apenas com a diferença de grau de franqueza, sobre a miséria e o trabalho forçado do proletariado. [...] Daí um eterno descontentamento. Mas esse descontentamento raramente produziu revoluções.

Um dos motins da fome – característicos do período pré-industrial – do século XVII de que há mais documentação, foi o ocorrido na primavera de 1652 na cidade de Córdoba, na região da Andaluzia.[ii] Quase no final do século, mas deste lado do Atlântico, ocorreu outra insurreição provocada pela miséria: em 1692 na Cidade do México, também conhecido como "motim do pulque".[iii] Nos séculos XVIII, XIX e XX, também figuraram os motins provocados pela miséria. Contudo, a partir da segunda metade do século XVIII, essas revoltas seriam usadas de maneira eficaz pelos "putschiistas" devotos do *coup d'État* (golpe de Estado). A miséria começaria a parir revoluções.

A carreira de "revolucionário profissional" começou a dar frutos no século XIX, consolidando a estratégia golpista no sentido de "tomar o poder". Por isso, para São Karl, Blanqui e seus camaradas, eram a viva encarnação dos "verdadeiros chefes do partido proletário" (Marx, 18 Brumário de Luís Bonaparte). Desse modo, se encorajava a formação de "especialistas" nas necessidades da Revolução e se sacralizava a política, transformação a Nação, o Estado, o Povo, a Raça, o Proletariado, em uma entidade sagrada, quer dizer, uma entidade suprema, intangível e transcendente, erguida como um eixo de um sistema de valores, símbolos, ritos, mitos e crenças, que demanda sacrifício, militância, fidelidade, culto e subordinação do indivíduo e da coletividade. Desse modo, tomava corpo o simbolis-

---

* Até a segunda metade do século XIX, as causas da fome eram as más colheitas causadas pelas constantes geadas, inundações e secas devastadoras que produziram a famosa "Pequena Era do Gelo", à qual se deve somar —como agravante — os habituais abusos contra os despossuídos e as medidas draconianas impostas pelas classes dominantes.

mo político na sociedade de massas e se propagava "um modo de conceber a política que excede o cálculo de poder e de interesse, e se estende até abarcar a definição do significado e do fim último da existência".[iv] Para isso, se enchia a massa de esperança no futuro (outro mundo é possível!), enquanto a adestrava como carne de canhão; ou seja, enquanto aprendiam a arte dos imbecis e se dispunham a matar e morrer em nome da Verdade que os faria felizes, enunciada por algum palhaço ou profeta. Como nos diz o companheiro Bonanno em "*Miseria della cultura. Cultura della miseria*":

> Se houve um tempo em que pensei que seria útil ser palhaço da revolução, e que os comícios, sem dúvida, constituíam uma atividade teatral como outra qualquer, agora já não acredito nesta necessidade, não pela inutilidade específica do palhaço, que sempre terá seu papel em todos os movimentos políticos, mas pela possibilidade de que a revolução possa ser alcançada tocando a lira para o povo, com todas as cordas da harmonia estabelecida [...]. Trazer a tona a verdade como um símbolo do sacrifício pelo qual se está disposto a morrer e, portanto, a matar, sugere aos outros, se houver o mínimo de inteligência, a solução do enigma, o lugar do truque a ser resolvido para o benefício de todos. Mas quem responde à esfinge?

o processo de incubação

No final do século 19, a miséria chocou o ovo da serpente. As fomes do século XIX pavimentaram o caminho para os fascismos (vermelho e marrom). Desde 1890, uma sucessão de maus frutos nas regiões do Volga causou estragos a milhões de camponeses na Rússia czarista. Comunidades inteiras fugiram para as cidades em busca de comida. Mais de meio milhão de pessoas morreram literalmente de fome ou de tifo e cólera. Apesar da fome, as autoridades permitiram a exportação de grãos, o que causou inúmeros motins e rebeliões camponesas que seriam reprimidas pelo Exército Imperial com sangue e fogo. Tal situação induziu os dirigentes populistas a promoverem o seu apelo "ao povo", convencendo centenas de estudantes das principais cidades que – a partir da sua visão romântica – conceberam a aldeia como uma comunidade coletiva harmoniosa que encarnava as aspirações socialistas da "alma camponesa." Assim terminaria a última década do século 19, marcada pelas desigualdades abismais do impé-

rio russo, com uma minoria de aristocratas privilegiados e uma enorme "massa" de desgraçados atacados pela fome e por doenças.

Durante os primeiros anos do século 20, a miséria continuaria a aumentar nas áreas rurais, enquanto o desemprego atingia níveis inéditos nas cidades, gerando uma onda de manifestações e greves, em sua maioria convocadas por anarquistas. No verão de 1903, uma gigantesca greve geral sacudiu o sul da Rússia; enquanto isso, os "marxistas revolucionários" arrancavam o couro um dos outros durante seu II Congresso em meio a uma batalha campal pelo controle do Partido Operário Social-Democrata Russo, causando a irreconciliável divisão entre bolcheviques e mencheviques

A "consciência revolucionária" cresceu consideravelmente com a progressiva escolarização do campo, que, junto com o descontentamento geral pela derrota militar contra o imperialismo japonês, colocou os ânimos à beira da revolução social.

Nos primeiros dias de 1905, eclodiram greves em diferentes cidades do país. Em 9 de janeiro, uma manifestação massiva ocorreu em Petrogrado (São Petersburgo), encabeçada pelo padre Gueorgui Garpón. Mais de 140 mil mulheres, homens e crianças, empunhando imagens religiosas e retratos do czar, marcharam até o Palácio de Inverno implorando ao "paizinho do povo" que aliviasse a tremenda miséria pela qual estavam passando. Os cossacos abririam fogo contra os manifestantes, deixando milhares de mortos e feridos. Gorki batizou esse massacre de "Domingo Vermelho" e Lenin – o novo palhaço/ profeta – interpretou-o como "a agonia da fé tradicional dos camponeses no *paizinho* czar e o nascimento do povo revolucionário".* No entanto, em 1913, os miseráveis de toda a Rússia – gritando "Deus salve o czar" – se preparavam para celebrar os trezentos anos de governo da dinastia Romanov.˅ Em meados do ano seguinte, a embriaguez patriótica conduziu os miseráveis novamente à guerra como bucha de canhão.

Até o fim da Grande Guerra, o cenário se mostrava caótica por todo o território russo. A exígua indústria estava consagrada a satisfazer as necessidades militares (*a fome de balas*) e, apesar de a produção agrícola não ter sido interrompida, a ampla rede de trens do império foi colocada a serviço da guerra, paralisando o fluxo de alimentos para as cidades. A fome resultante levou a intensas manifestações e motins.

---

* "El 'padrecito Zar' y las barricadas", Vladmir Lenin.

Em 23 de fevereiro de 1917, os trabalhadores das fábricas têxteis de Petrogrado – sob as ordens do Partido Bolchevique – tomaram as ruas em massa com o slogan "Chega de fome!", dando início a chamada "Revolução de Fevereiro" que desembocou na abdicação do czar Nicolau II. No dia 3 de abril, o palhaço/profeta da nova Revolução chegaria à estação ferroviária da ex-capital imperial vindo de Zurique, contando com o financiamento pontual do Reich.** Trinta e quatro semanas depois surgiria o fascismo vermelho, durando até o final de 1991. A fome não desapareceu com sua implantação, mas todos os motins de subsistência foram afogados em sangue.[vi]

A "pacificação" com garrote, pão e circo não acabou com a morte de Lênin (21 de janeiro de 1924), pelo contrário, foi intensificada por seu sucessor Joseph Stalin. O novo palhaço/profeta imporia uma rede gigantesca de campos de concentração, infelizmente conhecida como Gulag.*

Com diferentes protagonistas, embota com o mesmo roteiro – experiência da qual poderia e deveríamos extrair pistas importantes que nos ajudariam a compreender o presente – a incubação do fascismo continuou.

Desde o final do século XVIII até 1913, durante a chamada "Era Giolittiana", o Reino da Itália impulsionou a integração da sua economia no contexto capitalista internacional, promovendo a "modernização econômica e social". A grande inflação decorrente da Primeira Guerra Mundial gerou miséria generalizada a partir de 1918, semeando descontentamento entre os excluídos. Diante da "crise", os setores operários convocaram uma greve, espalhando os conflitos por toda a bota italiana. A rápida decomposição do estado liberal pós-unificação e a turbulência revolucionária[vii] pavimentaram o terreno para a ascensão de Benito Mussolini ao poder.

** Os alemães forneceram ajuda financeira a Lênin e aos bolcheviques com a intenção de que a revolução na retaguarda forçaria a retirada das tropas russas da frente, como aconteceu. Em março de 1918, a Rússia e a Alemanha assinaram um armistício na cidade fronteiriça de Brest-Litovsk (Bielo-Rússia), sob o qual os russos renunciaram a grandes territórios (Estônia, Finlândia, Lituânia, Polônia e Ucrânia) e metade de seus indústria. No final da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética recuperou tudo o que havia sido perdido em Brest-Litovsk e implantou o fascismo vermelho em toda a sua esfera de influência.

* Somente durante o grande expurgo de 1937-38, mais de um milhão de pessoas foram assassinadas ou morreram nos campos de trabalhos forçados congelados, a maioria delas ex-membros do partido bolchevique, trabalhadores e camponeses.

Com a chegada desse palhaço/profeta, estabeleceu-se um novo regime totalitário com as mesmas características do "fascismo genérico".[viii] Rapidamente incorporou seus próprios elementos, construindo um "paradigma" italiano ("fascismo específico"), fundado no corporativismo, na exaltação do "povo", na redenção operária e no nacionalismo. A ideologia deste outro fascismo também foi apresentada como uma doutrina revolucionária, ungida com princípios socialistas (anticapitalista, antiparlamentar, antiliberal e, claro, antimarxista e ultranacionalista), que preconizava a intervenção do Estado por meio de corporações profissionais que agrupavam trabalhadores e empresários afoitos ao regime de partido único. Para garantir o bom funcionamento do sistema, seria necessário consolidar o terror contra intelectuais dissidentes, minorias étnicas e opositores do regime (traidores da nação), através de um aparato policial extremamente repressivo; consolidar as forças armadas a serviço do dirigente e da organização partidária – dispostas a estender o projeto fascista ao exterior – e empreender a mobilização permanente da sociedade em função do fortalecimento do Estado.

Uma característica essencial do fascismo é sua disposição anticapitalista e antiburguês, manifesta em sua crítica ao materialismo imperante no capitalismo, por isso demanda sua transformação para um "capitalismo organizado" (Capitalismo de Estado ou Capitalismo Monopolista Totalitário) fortemente regulado, que permita a "redistribuição do poder social, político e econômico".* Para isso, apela a sentimentos fortemente enraizados no "povo", encarnando-os nos símbolos e na sua representação no Estado, através do estabelecimento de laços diretos entre as "massas", o partido dirigente e o líder. Assim, todas as esferas da atividade humana estão sujeitas à intervenção do Estado. Como o Duce sentenciou (no livro "O fascismo"), "tudo dentro do Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado".

Mas apesar desta "estatização forçada" (ou graças a ela), o regime fascista vai gozar de grande popularidade e aceitação total entre as "massas". O incentivo ao lazer popular, a política de integração, a construção do "novo homem" por meio do sistema educacional e a promoção da segurança social através da "Carta do Trabalho"[ix] – prometendo direitos sociais e uma ordem de paz e harmonia entre trabalhadores e patrões, como forças produtivas a serviço da Nação – dará a aprovação popular ao fascismo, dotando de especificidade desse fenômeno político.

---

* "Anatomia do fascismo", de Robert Paxton.

Na Alemanha, a situação não seria muito diferente. O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei) chegou ao poder em 1933 em meio a uma grande convulsão social e profunda depressão econômica. A quebra de Wall Street em 1929 teve graves repercussões como consequência da enorme dependência de empréstimos de curto prazo do exterior, abrindo caminho para a Revolução Nacional-Socialista. A taxa de desemprego entre 1929 e 1932 aumentou de 6 para 18%, a produção industrial caiu 40% e a renda per capita diminuiu 17%. Essa conjunção de fatores estimulou "o surgimento de um novo movimento de massa que, em um período de crise, mobilizou grande parte da população, seduzida pelos atrativos de um líder carismático como Hitler".**

Desde os anos noventa do século XIX, o movimento *völkisch* acumulou força com um discurso coeso, apesar de sua organização multifacetada e suas várias preocupações ideológicas, às vezes contraditórias e rivais entre si, mas inequivocamente orientado para o antissemitismo, pangermanismo, a eugenia e a reforma da vida cultural e religiosa. No interior desse movimento, a presença juvenil ganhava força, abalando "literalmente as repressões e coerções de uma existência burguesa rançosa".ˣ No início do século 20, o movimento popular teria adesões por conta das dificuldades econômicas trazidas pela Primeira Guerra. A economia alemã foi severamente afetada pelo prolongamento do conflito. A miséria provocou motins de fome (1915) e importantes greves (1917), minando a moral interna daquela nação.

Em meados de 1917 – sob a ditadura militar de Lundendorff e Hindenburg – foi fundado o Partido Patriótico Alemão (Deutsche Vaterlandspartei/DVLP), com o apoio do Alldeutscher Verband, de extrema-direita, nacionalista e de orientação militarista. A nova formação política acolheu o movimento *völkisch* em seu seio, junto com outras correntes antissemitas do nacionalismo alemão radical, chegando a um milhão e duzentos e cinquenta mil afiliados. Após a revolução de novembro de 1918, que encerrou a monarquia de Guilherme II e deu lugar à república parlamentar, o Partido Patriótico foi dissolvido. Muitos de seus membros ingressariam nas fileiras do Partido Nacional do Povo Alemão (DNVP); o resto de seus membros, sob a liderança do ferroviário Anton Drexler e do jornalista Karl Harrer, formaram o Círculo Político dos Trabalhadores (Politischer Arbeiterzirkel). Radicalmente oposto ao capitalismo e ao comunismo, o "Círcu-

---

** "Historia de Alemania", de Mary Fulbrook

lo" se dedicou de corpo e alma ao ativismo e à agitação política entre os trabalhadores.

Em 5 de janeiro de 1919, Drexler e Harrer fundaram em Munique o Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP) com apenas 40 militantes. Um de seus futuros membros seria Adolf Hitler, que dois anos depois se consolidaria como o líder indiscutível do partido. Após sua participação ativa no esmagamento brutal da insurreição espartaquista, junto com as milícias voluntárias (Freikorps), o grupo mudaria seu nome para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) e tornaria público seu Programa de 25 pontos – coautoria de Drexler e Hitler – em 24 de fevereiro de 1920.

No calor da miséria, cresceu o espírito ultranacionalista e a cultura racista, o que facilitou o aumento acelerado da militância do partido. O discurso demagogo do NSDAP, centrado no ataque a bancos e grandes empresas, aliado à defesa do socialismo de Estado como proposta econômica garantidora da segurança social, exerceu grande influência entre os trabalhadores e uma grande aceitação geral, dando-lhe duas vitórias com maioria simples nas eleições parlamentares democráticas de 1932 e a posterior nomeação de Hitler como chanceler (1933).

a miséria que vem

As revoltas de subsistência mais notórias no final do século passado foram as da Argentina em 1989, durante a hiperinflação dos últimos dias do governo de Raúl Alfolsín, destacando a proliferação de *ollas populares (*cozinhas comunitárias) e a expropriação coletiva do centro comercial Cruce Castelar no município de Moreno, em Buenos Aires.* Essa experiência logo seria neutralizada com medidas oficiais de contenção por meio do fornecimento de alimentos às áreas populares, consolidando-se como práticas clientelistas que favoreciam o empoderamento de lideranças e dirigentes sociais como mediadores com o sistema de dominação, garantindo o controle social e a recuperação sistêmica. Os motins de subsistência se repetiram naquele país no início deste século, dando origem ao levante de dezembro de 2001 que produziu a queda do governo de Fernando De la Rúa. Mais uma vez eles seriam apaziguados com garrote, pão e circo, enquanto o futuro do casal Kirchner (2003 até agora) era pavimentado com a garantia do voto de esquerda.

Até agora, no século 21, houve uma longa série de protestos e rebeliões causadas pela fome. Em janeiro de 2007, sob o lema *sin maíz no hay país* (sem milho não há país) e contra a ratificação do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), dezenas de milhares de pessoas tomariam as ruas da Cidade do México em protesto contra o aumento do preço do milho. Em setembro do mesmo ano, em Mianmar (antiga Birmânia), o aumento dos preços dos alimentos e da gasolina provocou a insurreição de monjas e monges budistas conhecida como a "revolução do açafrão". Durante a primavera de 2008 revoltas eclodiram em diferentes cidades no Egito, Marrocos, Haiti, Filipinas, Indonésia, Paquistão, Bangladesh, Malásia, Senegal, Costa do Marfim, Camarões e Burkina Faso.

As rebeliões dos miseráveis se intensificaram com a chamada "crise financeira internacional" que agravou a fome no mundo com a crescente volatilidade dos produtos agrícolas após estes serem incluídos nas bolsas de *commodities*, em decorrência da incursão de fundos especulativos nesses itens. Desde então, os preços continuaram subindo e jogando mais de 100 milhões de pessoas na miséria. O paradoxo é que com a industrialização da agricultura – com agrotóxicos e manipulação biotecnológica – a su-

---

* De 24 a 31 de maio de 1989 foram registradas 282 expropriações massivas em Rosário, Córdoba, Mendoza, Tucumán e Capital Federal.

perprodução agrícola atual é exuberante. Hoje, a fome não se deve à escassez ou a infortúnios climáticos, mas a outros fatores.

A especulação financeira com produtos alimentícios obrigou 820 milhões de pessoas em todo o planeta a viver na pobreza extrema, das quais 265 milhões podem morrer de fome, segundo as projeções mais conservadoras do Programa Mundial de Alimentos da ONU. Estima-se que cerca de 12.000 pessoas morrerão de fome diariamente como resultado do impacto econômico da pandemia, um número muito maior do que o daqueles que morrerão em decorrência da Covid-19. Enquanto isso, oito das maiores empresas de alimentos e bebidas distribuíram mais de US $ 18 bilhões aos seus acionistas desde o início da crise de saúde. Os economistas esperam que a contração da produção global gere cerca de 450 milhões de desempregados no mundo, mas, de janeiro até hoje, os 12 bilionários mais ricos do planeta aumentaram suas fortunas em mais de 40%.

Muito provavelmente essa miséria anunciada desencadeará inúmeras rebeliões que facilitarão o surgimento de novos palhaços/profetas e o estabelecimento de novos governos populistas. Mas nenhuma levará ao declínio do capitalismo ou ao fim da dominação. Com o "novo normal" que nos impõem, os capitais se reinventam e a dominação se renova, voltando aos Estados fortes e à retórica nacionalista, em um quadro de reorganização que mais uma vez deixa a liberdade individual e coletiva fora do texto em busca de "soluções urgentes", fortalecendo as tentações autoritárias.

Mais uma vez a miséria incuba o fascismo (vermelho e/ou marrom) disfarçado de solução revolucionária e transformação radical e se estabelece como razão de luta que tenta substituir a velha realidade. A ascensão contemporânea do fascismo e sua institucionalização galopante revela para nós a sua aceitação evidente através da narrativa repetida de "a recuperação dos valores perdidos" que capitaliza o passado – supostamente "heroico" e sempre melhor do que o presente – e o molda como produto disponível em um futuro melhor.

Não podemos cair na armadilha da "urgência" e baixar a guarda frente as mudanças autoritárias da realidade. O poder mantém a realidade cativa desde o primeiro dia de seu exercício na face da Terra. Daí a impossibilidade de transformá-lo – como cinicamente proposto pela esquerda em todos os lados. A história de "Outro mundo é possível" é a armadilha contemporânea para prolongar a homonímia "Poder = realidade". Daí a vontade de colocar em prática um pensamento-ação capaz de demolir a realidade. Não de transformá-la. Só assim a armadilha da totalidade é desarma-

da. Aí está a necessidade de pensar a práxis anárquica em sua dimensão excessiva, a necessidade de passar das frases proposicionais ao paradigma. No entanto, para realizar um novo paradigma anárquico, é essencial queimar todos os mapas de estradas.

Imaginemos por um momento que o que é "normal" não é o capitalismo ou a continuidade *ad infinitum* da dominação, mas aquele mundo em ruínas que nunca tememos. Pensemos na destruição definitiva do trabalho, na demolição de tudo o que existe, no colapso final da civilização. Caminhemos, sem nos desviar, em direção a esse objetivo. A habilidade do fogo é uma aposta tentadora que encoraja nossos anseios de liberação total e impulsiona o enfrentamento. Hoje, a única coisa que temos que salvar é o fogo. O resto: deixe queimar até as cinzas!

Gustavo Rodríguez,
Planeta Terra,
1º de setembro de 2020

(Texto extraído do livro "El aroma del fuego: la rabia de la desesperanza en un mundo tripolar", setembro, 2020).

i “Por ‘proletário’ só se entende, do ponto de vista econômico, o assalariado que produz e valoriza o ‘capital’ e que é atirado à rua logo que se torne supérfluo para as necessidades de valorização do ‘Monsieur Capital’, chama esse personagem de Pecqueur. ‘O proletário doente da floresta virgem’ é uma gentil quimera do Sr. Roscher. O habitante da floresta virgem é proprietário dela e a trata tão despreocupadamente quanto o orangotango, isto é, como sua propriedade. Ele não é, portanto, um proletário. Seria se a floresta virgem o explorasse, e não ele a floresta virgem. Quanto ao seu estado de saúde, ele não só resistiria à comparação com o do proletário moderno, mas também com as ‘pessoas respeitáveis’, sifilíticas e escrofulosas. É provável, entretanto, que o Sr. Wilhelm Roscher entenda pela floreta virgem as suas *landas* nativas de Lüneburg”. (“O capital”, Tomo I, Vol. 3, capítulo XXIII: A lei geral da acumulação capitalista, de Karl Marx).

ii Após a terrível epidemia de peste que assolou a região entre 1649 e 1650, se registrou um aumento substancial nos preços do trigo, causando fome entre os mais necessitados. A morte de fome de uma criança no bairro de San Lorenzo provocaria uma revolta furiosa no início de maio. Uma multidão de camponeses invadiu as casas do magistrado e de pessoas ricas proeminentes da cidade, expropriando maciçamente os grãos que acumularam. A rebelião seria esmagada com a mediação de Diego Fernández de Córdoba, que concordou em substituir o magistrado (visconde de Peña Parda) e estabelecer um preço fixo para o pão, exigindo que os camponeses de Córdoba entregassem suas armas e voltassem para suas casas. O Rei Felipe IV ordenou a entrega de recursos à cidade para a compra de trigo e concedeu o perdão aos amotinados, pondo fim à revolta com a abundância de grãos e o pão mais barato. Conferir: “Juan, Historia de las agitaciones campesinas andaluzas”, de Díaz del Moral.

iii Depois de um período prolongado de chuvas torrenciais e inundações no Vale do México, que afetou severamente as áreas agrícolas, seguiu-se uma praga de chahuixtle nas poucas safras que sobreviveram às inundações. A escassez de milho e trigo e a especulação dos mercadores provocaram uma alta no preço dos grãos, desencadeando, em meio à epidemia de sarampo, a fome nos setores mais excluídos - “índios, negros, crioulos e *bozales* de diferentes nacionalidades, chineses , mulatos, mouros, *zambaigos*, lobos e *zaramullos* espanhóis (que eram os malandros, *chulos* e ladrões)”; diante da escassez de alimentos, as mulheres indígenas se lançaram ao ataque contra a *alhóndiga* (casas de comércio de grãos) em busca de sustento. Imediatamente houve uma revolta nas praças, mercados e *pulquerías*, encorajadas e eufóricas pelos efeitos do "néctar dos deuses". “Ao grito de Viva el pulque!” (bebida alcoólica de alta graduação), desencadeou-se a ira dos amotinados que se dirigiram ao Zócalo, prontos para incendiar o palácio, matar o vice-rei e o magistrado. Às cinco da tarde de 8 de junho de 1692, com pedras e facões nas mãos, os rebeldes incendiaram o palácio do vice-reinado, as casas da prefeitura, seus tribunais e secretarias, a porta do Presídio da Corte Real, a *alhóndiga* e as barracas e postos da praça principal. As expropriações de bens e

alimentos foram massivas, com estoques de mercadorias, sementes, ferro, cerâmica e outros bens sendo saqueados. No dia seguinte a repressão não esperaria, muitos dos amotinados seriam enforcados, outros açoitados e a população indígena seria expulsa da cidade para os bairros periféricos. Depois do tumulto, havia milho e trigo suficientes trazidos da cidade de Celaya para apaziguar os rebeldes. Conferir: "Diario de sucesos notables (1665-1703) vol. III", de Antonio de Robles; "Alboroto y Motín de México del 8 de junio de 1692", de Carlos Sigüenza y Góngora. Outra versão dos eventos afirma que "o tumulto foi motivado pela falta de milho, pois haviam acumulado para quando se sublevassem e, como a colheita de milho tinha sido perdida e havia pouco e caro, compraram muito mais do que o necessário e enterraram para que, com isso, faltasse para as pessoas pobres e elas, vendo o preço tão alto da comida, ficassem ao lado dos rebeldes". ("Carta de un religioso sobre la rebelión de los indios mexicanos de 1692", citado por Rosa Feijóo em "El Tumulto de 1692", publicado na Revista Historia Mexicana, El Colegio de México, Vol. XIV, N° 4, Abril-Junio 1965, p. 458.

iv "La sacralización de la política y el fascismo", de E. Gentile, publicado em "Fascismo y franquismo cara a cara. Una perspectiva histórica". Do mesmo autor, ver também "La vía italiana al totalitarismo. Partido y estado en el régimen fascista" e "Fascismo: historia e interpretación".

v As ruas principais de São Petersburgo eram enfeitadas com cores imperiais e retratos dos czares, enquanto longas cadeias de luzes coloridas iluminavam-se à noite com a legenda 1613-1913 e a águia de duas cabeças do império, encantando os forasteiros, muitos de que nunca tinha visto luz elétrica. "A cidade fervilhava de curiosos das províncias e os transeuntes geralmente bem vestidos que passeavam pelo Palácio de Inverno eram agora superados em número pelas massas sujas (camponeses e trabalhadores em suas blusas e bonés, e mulheres vestidas de trapos com lenços na cabeça)". Ver: "La revolución rusa. La tragedia de un pueblo (1891-1924)", de Orlando Figes.

vi O motim de fome mais silenciado na URSS foi o "motim da manteiga" na cidade de Novocherkassk, durante os primeiros dias de junho de 1962. Em pleno esplendor do Império Vermelho, no calor da chamada " guerra fria ", Nikita Khrushchev ordenou a instalação de mísseis nucleares em Cuba com a intenção de intimidar os Estados Unidos e impedir outra escalada militar contra seu novo satélite. Ciente de que a decisão poderia desencadear a Terceira Guerra Mundial, ele exigiu que o complexo militar-industrial soviético aumentasse a produção de armas, decretando cortes drásticos no orçamento em qualquer setor que não estivesse relacionado à esfera militar. Em 1º de junho, o Comitê Central da PCURSS anunciou um aumento nos preços da cesta básica (o valor da carne, da manteiga e dos ovos subiu). Os mais atingidos pela alta de preços foram os trabalhadores cujas empresas tinham recém cortado os salários. Os empregados da fábrica de locomotivas elétricas "Budyonny" em Novocherkassk seriam um dos grupos mais

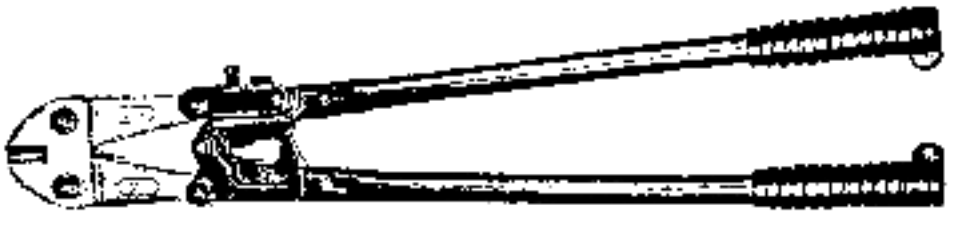
afetados. Diante da situação, os trabalhadores se declararam em uma assembleia permanente, o que levou a um protesto massivo no qual participaram mais de 5.000 manifestantes. As autoridades comunistas enviaram os tanques do Exército Vermelho com o objetivo de amedrontá-los, mas como não puderam persuadi-los, ordenaram que disparassem contra os trabalhadores, matando 26 manifestantes e ferindo 87. Sete pessoas foram indiciadas por associação ilícita e executadas pelos fatos; também seriam condenados cento e cinco manifestantes acusados de sedição e condenados a 10 e 15 anos de prisão, que ao final da pena foram obrigados a assinar um documento sob juramento de nunca divulgar esses fatos. Ver: "The Novocherkassk Tragedy, June 1-3 1962", de Piotr Suda. Disponível em: https://libcom.org/files/1962%20The%20Novocherkassk%20Tragedy.pdf.

vii "Liberalismo, fascismo o socialdemocracia. Clases sociales y orígenes políticos de los regímenes de la Europa de entreguerras", de Gregory M. Luebbert.

viii "Cruces gamadas y caminos bifurcados: las dinámicas fascistas del Tercer Reich", de Roger Griffin. Publicado em "Orden, jerarquía y comunidad. Fascismos, dictaduras y postfascismos en la Europa contemporánea", de Joan Antón Mellon.

ix "Na 'Carta del Lavoro' (Carta do Trabalho), 'documento político do partido' autorizado por Benito Mussolini em 21 de abril de 1927 - aniversário da fundação de Roma -, editado pelo Grande Conselho do Fascismo e publicado em Il Lavoro d'Italia dois dias depois, 'os direitos sociais dos trabalhadores italianos' seriam proclamados em uma trama jurídico-político-ideológica que 'representa o ponto culminante da grande obra de renovação da legislação geral que reconstruiu harmoniosamente todo o ordenamento jurídico italiano, baseando-se nos princípios fundamentais da Revolução Fascista [...] Este documento da nossa Revolução social como corporativa [...] apresenta uma feliz síntese entre as duas forças que sempre acompanharam a história milenar de Roma: a tradição e revolução [...] a luminosa idealidade que a revolução dos camisas pretas, banhando com seu sangue os campos atormentados da Europa, semeando uma justiça superior entre os indivíduos e entre os povos, tende [...] a levar à vitória, com sua força e espírito indomáveis, contra os inimigos de uma palavra inimiga da Fé e da Civilização'". ("Los principios de la 'Carta del Lavoro' en la nueva codificación italiana", de Giuliano Mazzoni).

x "Os Membros do Wandervögel (pássaros errantes) se vestiam com roupas esportivas largas e confortáveis e faziam caminhadas e acampamentos no campo, cantando e tentando adotar um estilo de vida o mais natural possível; esses grupos, embora ainda críticos da política oficial (desprezando sobretudo a política dos partidos parlamentares) e do sistema educacional estabelecido, tendiam a ser não apenas altamente nacionalistas, mas ao mesmo tempo anti-materialistas e anti-semitas, uma vez que a sociedade moderna identificou os judeus com a acumulação grosseira de dinheiro". ("Historia de Alemania", de Mary Fulbrook).



edições insurrectas
2020